

O DISTRITO QUE CRESCER À MARGEM DA USINA Um estudo sobre o habitar na cidade de Candiota/RS

*THE DISTRICT THAT GREW
ON THE SIDELINES OF THE PLANT
A study on living in the city of Candiota/RS*

Rosilene Oliveira Silva¹

Resumo

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado, na qual foi realizado um estudo sobre “A cidade que cresceu à sombra da usina: sobre o habitar das famílias eletricitárias na cidade de Candiota (RS)”. Neste estudo, apresentam-se as relações entre as famílias eletricitárias e o habitar na cidade de Candiota, buscando refletir as associações das primeiras com a cidade e a usina. O trabalho apresentado resultou de uma pesquisa etnográfica, a partir da narrativa de trabalhadores(as), eletricitários(as), aposentados(as) e seus familiares, apontando para a compreensão de que maneira as famílias dialogam sobre um mesmo fenômeno urbano, isto é, a constituição da cidade a partir do traçado polinucleado. Como resultado, percebeu-se que a cidade cresceu à sombra das estatais. Foram então realizadas entrevistas, fotografias e registros em diário de campo e caminhadas da pesquisadora pela cidade. Conclui-se que a polinucleação da cidade, estabeleceu-se a ocupação do território por meio das indústrias mineradoras.

Palavras-chave: etnografia, cidade, polinucleação, usina, vila operária.

Abstract

This article is an excerpt from a master's research, in which a study was carried out on “The city that grew in the shadow of the power plant: on the housing of electricity families in the city of Candiota (RS)”. In this study, the relationships between electrical families and living in the city of Candiota are presented, seeking to reflect the associations of the former with the city and the plant. The work presented resulted from an ethnographic research, based on the narrative of workers, electricians, retirees and their families, pointing to the understanding of how families dialogue about the same urban phenomenon, that is, the constitution of the city from the polynuclear layout. As a result, it was noticed that the city grew in the shadow of the state-owned companies. Interviews, photographs and records in a field diary and researcher walks around the city were then carried out. It is concluded that the polynucleation of the city established the occupation of the territory through the mining industries.

Keywords: ethnography, city, polynucleation, plant, working village.

¹ Mestra em Antropologia e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: rosilenesilva87@gmail.com. Licenciada em História pela Universidade Federal de Pelotas (2016). Especialista em Patrimônio Cultural (2018) e Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pelotas (2021). Área de interesse: Patrimônio industrial e Antropologia da Mobilidade Urbana.

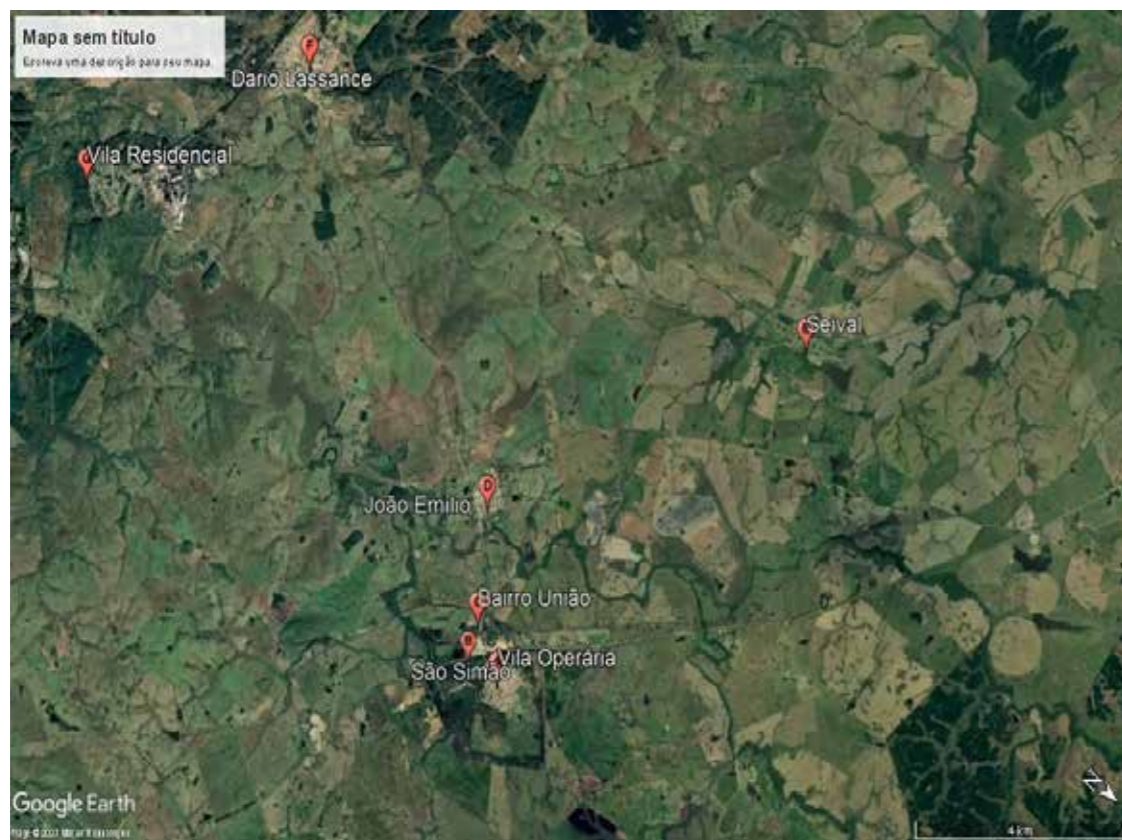


Apresentação

O presente artigo integra o campo temático da antropologia urbana, tendo as narrativas e as fotografias como principal chave para a compreensão das transformações, assim como para o entendimento da maneira pela qual os(as) trabalhadores(as) e aposentados(as) fazem durar no tempo a relação de pertencimento na cidade de Candiota (RS). Dessa maneira, o desenvolvimento deste estudo etnográfico colaborou para a publicização sobre o habitar das famílias eletricitárias na cidade.

O campo de pesquisa foi situado no sudeste do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai, cuja região é conhecida como Campanha Gaúcha, com paisagem regional marcada pelas características do bioma Pampa. O trabalho foi composto por um estudo etnográfico e narrativas das famílias eletricitárias nas vilas Residencial e Operária de Candiota (RS). A polinucleação surgiu em razão das diferentes produções econômicas, como a mineração e a construção da usina geradora de energia elétrica. Inicialmente, foi apresentado o contexto histórico da cidade de Candiota e, na sequência, desenvolveu-se uma revisão teórica sobre a constituição da cidade a partir do traçado polinucleado. Posteriormente, as características das vilas Residencial e Operária foram assinaladas a partir das experiências vividas e narradas pela comunidade.

As técnicas aplicadas para a coleta de dados foram: observação participante (FOOTE-WHYTE, 1980); observação flutuante (PÉTONNET, 2008); entrevistas; e caminhadas (INGOLD, 2015), com registros fotográficos e anotações em diário de campo, realizadas entre 2019 e 2020.



Contexto histórico da cidade de Candiota (RS)

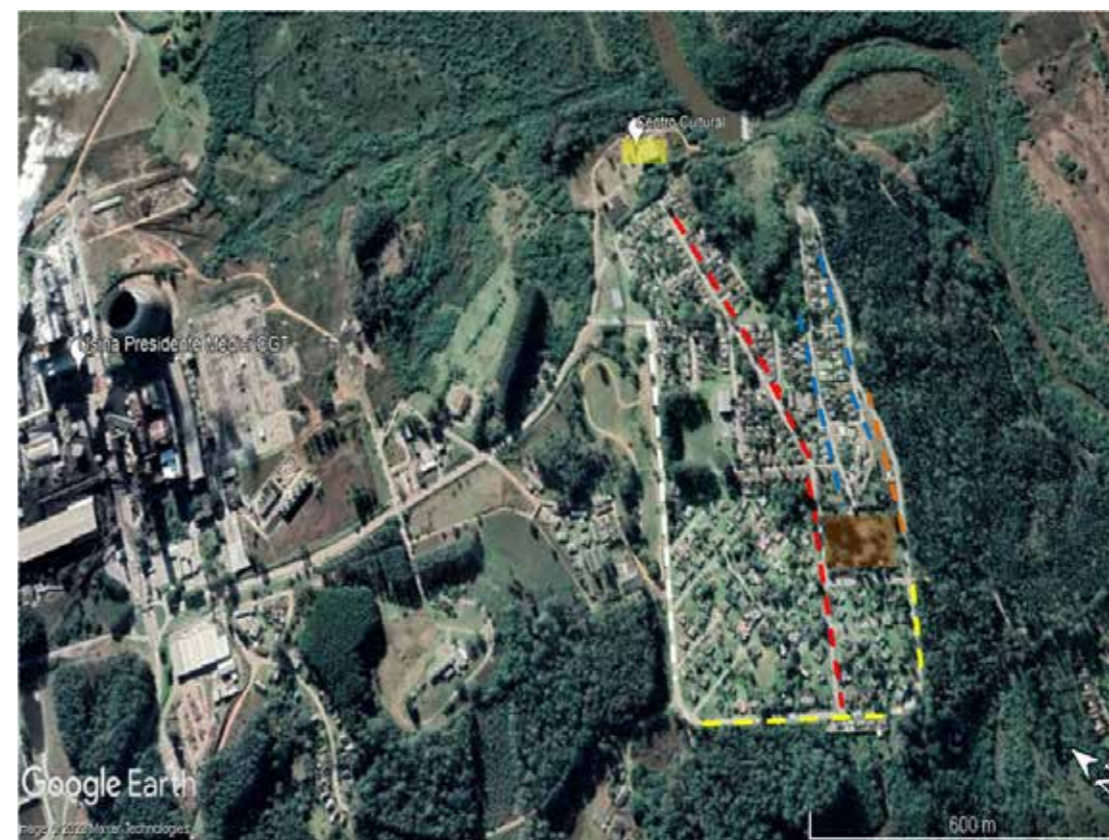
Localizada na região sudoeste do Rio Grande do Sul, o surgimento da cidade de Candiota está relacionado à descoberta de carvão mineral encontrado às margens do Arroio Candiota, conforme a Figura 1. Gregos da ilha Cândia, conhecidos como candiotos, teriam vindo da Argentina no século XVIII, fixando-se às margens do arroio e, posteriormente, denominando-o de Candiota, o que originou o nome da cidade.

Mais adiante, o governo imperial aprovou a construção de uma estrada de ferro para o escoamento do carvão mineral extraído no entorno do Arroio Candiota. Seus campos foram, inclusive, palco de batalhas da Revolução Farroupilha (MOLIN, 1994). Com o subsolo rico em carvão mineral, o município representa um centro de geração de energia termelétrica.

Constituição de Candiota (RS) a partir do traçado polinucleado

A implantação do complexo das usinas ocorreu em três fases (A, B e C) e originou uma cidade polinucleada, formada por vários núcleos urbanos, distantes entre si de 5 a 25 km, conforme mostra a Figura 2. No caso de Candiota, essa polinucleação ocorreu, em parte, por meio das usinas e minas de carvão mineral. Ao mesmo tempo, as vilas Residencial e Operária foram (e ainda são) atrativas aos trabalhadores(as) da área, que se apropriaram dos espaços com a finalidade de moradia. A urbanização, promovida através da Companhia Termelétrica e Companhia Riograndense de Mineração (CRM), trouxe algumas mudanças para a vida da população.

Segundo Agier (2011), a cidade é feita de movimento, das relações práticas e das narrativas, as quais são importantes para compreender situações vivenciadas pelos(as) interlocutores(as) em seus respectivos contextos urbanos. A realidade territorial de Candiota expõe a fragmentação urbana, uma vez que:



[...] o fenômeno de segregação urbana se manifesta de modo mais intenso nas metrópoles e cidades de grande e médio porte, gerada por meio desses processos de produção do espaço urbano polinucleado (MOREIRA JUNIOR, 2010, p. 134).

Assim, nota-se que a definição de espaço urbano polinucleado possui relação com o caso em estudo. Embora Candiota seja uma cidade de pequeno porte em termos populacionais (cerca de 9.584 habitantes, segundo o IBGE (2020), ela expressa os fenômenos de segregação, devido às diferentes produções econômicas, como a mina de carvão mineral, as indústrias de energia, as vilas Residencial e Operária e os núcleos urbanos. Por outro lado, de acordo com a narrativa de antigos(as) moradores(as) aposentados(as) da Companhia Estadual de Energia Elétrica - CEEE, havia uma diversidade de poderes que se mesclaram na vida local, demarcando diferentes espaços sociais e geográficos, na década de 1970 a 1980.

Uma cerca de arame farpado alta e resistente, chamada de “Cerca da Vergonha”, separava a Vila Airton e a Vila dos Mineiros, no bairro Dario Lassance, sede do município, onde, na época, residiam os(as) operários(as) da CEEE e da CRM. Com base nas reflexões de Thomas Cortado (2020, p. 667), “a cidade dos muros simbolizaria, de modo geral, o triunfo das relações *inner-directed* sobre as relações *other-directed*, definido por relações do mesmo grupo e relações impessoais, ou seja, a distinção do público e privado”². Na narrativa da moradora fica evidente a distinção entre o público e o privado em Candiota com relação aos benefícios que as empresas ofereciam aos funcionários das companhias, pois quem não possuísse algum vínculo com a empresa, não obtinha os benefícios.

² *Inner-directed*: relações pessoais entre indivíduos da mesma origem. *Other-directed*: relações impessoais entre indivíduos estranhos (CORTADO, 2020, p. 667).



Figura 4 - Rua localizada na Vila Residencial, em Candiotá (RS). Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Além disso, conforme a fala de Eliane, esposa de um eletricitário aposentado que residia na Vila Airton, “Naquela época, Candiotá pertencia à Bagé e a Vila Lassance pertencia à Companhia Riograndense de Mineração. Lembro-me que ali, quase em frente onde hoje é o Galpão do Produtor, tinha uma ‘cerca de arame farpado’ logo ao lado e, dividida por esse arame, a Vila Airton sem esgoto e sem água. A Companhia Estadual de Energia Elétrica e a Companhia Riograndense de Mineração mantinham os benefícios, como saneamento, educação, lazer, entre outros. Concomitantemente, começavam a surgir novos núcleos habitacionais, João Emílio e o São Simão, e os assentamentos agrários, que somavam aos já existentes Seival e Vila Airton, também carentes de serviços públicos” (Diário de campo, 26/05/2020).

Etnografia das vilas Residencial e Operária

Por intermédio da etnografia³, buscou-se compreender os fenômenos sociais referidos no universo de pesquisa, nesse caso, a relação da cidade de Candiotá (RS) com a Usina Presidente Médici, a partir do ponto de vista das famílias eletricitárias. Os métodos escolhidos foram: observação participante (FOOTE-WHYTE, 1980); observação flutuante (PÉTONNET, 2008); e caminhadas (INGOLD, 2015). A pesquisadora inseriu-se no contexto urbano das famílias eletricitárias e participar mais ativamente do seu cotidiano, registrando as situações etnográficas em um caderno de campo.

De acordo com relatos dos (as) moradores (as) Ronildo e Marcela⁴, o plano urbanístico da estatal havia projetado duas vilas, Residencial e Operária, com toda a infraestrutura e equipamentos urbanos necessários. Nos termos do plano diretor, previu-se a construção de hospital, igreja, aparelhos para lazer e áreas verdes. As áreas residenciais

³ Os dados aqui apresentados foram coletados durante o trabalho de campo relacionado à minha dissertação de mestrado.

⁴ Visando garantir a privacidade, nomes fictícios aos participantes da pesquisa.



Figura 5 - Mapa da Vila Operária, em Candiotá (RS). Fonte: Google Earth (2023).

eram divididas de acordo com as categorias profissionais, expressando a hierarquia dentro da usina, sendo a vila Residencial destinada aos engenheiros(as), técnicos(as), médicos(as) e administradores(as), enquanto os operários(as) foram alocados a 13 km de distância e mesmo nessa “categoria” haviam tipos de casas específicos para os(as) mestres de obras, operários(as), serventes, engenheiros(as) e técnicos(as) vindos(as) da França e do Rio de Janeiro.

Através dos mapas, foi possível analisar a setorização das vilas Residencial e Operária. Para a confecção dos mapas foi utilizada, a ferramenta software Google Earth. A vila Residencial, construída na década de 70, encontra-se localizada juntamente ao complexo das usinas, conforme destaca as Figuras 3 e 4, com era destinada aos funcionários (as) da operação da usina e possui uma características planejadas e construídas para os(as) operadores(as) da Usina Termelétrica Candiotá I e da fase A da Usina Presidente Médici.

O núcleo urbano está distribuído em três longas avenidas com tracejado em branco, vermelho, azul, laranja e amarelo (Figura 3). As moradias são divididas pelo alto escalão da hierarquia funcional da Usina: i) no alto da colina (tracejado em azul) estão as construções destinadas às famílias dos(as) engenheiros(as) e da chefia; ii) no platô médio (tracejado em vermelho e amarelo) localizam-se as casas das famílias dos(as) técnicos(as), médicos(as) e administradores(as); e iii) na base (tracejado em branco) estão as casas tipos geminadas, de madeira, destinadas aos operários(as). v) (tracejado em laranja) rua arborizada (Figura 3).

No centro comercial e administrativo da vila Residencial, vi) demarcado em marrom, onde funcionava o banco; a farmácia; o correio; a cooperativa de consumo; a central telefônica; e a lancheria a usina oferecia atrativos para obter adesão dos(as) operários(as), como: o clube recreativo; a escola até o 2º grau; a quadra de futebol de salão; o campo de futebol; a quadra de vôlei e basquete; as canchas de bocha e bolão. Vii) (demarcado em amarelo), o Centro Cultural Candiotá.



Figura 6 - Rua localizada na Vila Operária, em Candiota (RS). Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A vila Operária pode ser visualizada nas Figuras 5 e 6. Foi construída no outro lado da BR 293 e trata-se de uma pequena aglomeração, composta por uma série de casas de pequeno porte, mais afastadas do complexo das usinas, destinada aos(as) funcionários(as) da obra da Usina na fase B, na década de 1980. O núcleo urbano da vila Operária, bairro residencial, é distribuído em uma longa avenida, onde, inicialmente, residiam os(as) trabalhadores(as) com menor nível de qualificação.

Nas ruas laterais (tracejado em amarelo), encontram-se as casas de madeira destinadas aos(as) operários(as) e suas famílias. No centro da vila Operária, estão as casas de alvenaria que, na época da fase B, foram destinadas aos(as) funcionários(as) engenheiro(as), técnicos(as) franceses(as) e funcionários(as) vindos do Rio de Janeiro para Candiota (RS), para o término da construção e operação da Usina Presidente Médici fase B.

Nota-se que a estrutura original das casas foi alterada por anexos e “puxadinhos” Figura 5. O núcleo urbano vila Operária está distribuído em três longas avenidas tracejadas em branco, amarelo e vermelho: Viii) (Tracejado em branco) pela rua principal, a Rua Vinte, onde estão localizados a lancheria, a igreja, a academia ao ar livre, a praça, (demarcados em vermelho), a pista de skate o antigo centro comercial e administrativo da Companhia Termelétrica, (demarcado em amarelo), onde funcionava o Banco, os Correios, a telefônica, a padaria, e lancheria, a banca de revista e o instituto de cabeleireiro, a cooperativa de consumo, Ix) a escola Estadual Francisco de Assis Rosa de Oliveira (FARO), (demarcado em verde). X) o ginásio Domingão e a Câmara de Vereadores (demarcados em laranja) xi) as Secretarias de Obras e de Meio Ambiente da Prefeitura (demarcados em rosa) e a xii) Estação Rodoviária de Candiota (demarcado em roxo). Xiii) Na Rua 33 (tracejado em vermelho) residências dos (as) operários (as) e área arborizada.

Em 1997, a Companhia Termelétrica transferiu o atendimento aos serviços básicos da cidade operária para o poder público, alterando o patrimônio público para a Prefeitura Municipal.

Considerações Finais

A partir do estudo realizado, buscou-se demonstrar que a etnografia, fundamentada na interlocução com as famílias eletricitárias, trabalhadores(as) e aposentados(as), permitiu a compreensão das relações dessas com a cidade por intermédio da usina. Nesse sentido, nota-se que Candiota (RS) se formou como cidade mantendo fortes vínculos com a usina, em cujo entorno se desenvolveu. Com relação às repercussões urbanas, verificou-se que a história de Candiota (RS) também está ligada à atividade carbonífera.

A formação da cidade resultou em uma configuração polinucleada, com vários núcleos urbanos distantes de 5 a 25 km entre si. A cidade, ao ser planejada como extensão da estrutura hierárquica de poder da empresa termelétrica e mineradora, promoveu uma fragmentação socioespacial segregacionista da massa trabalhadora, principalmente nas vilas Residencial e Operária. No entanto, ao mesmo tempo, essas regiões contribuíram para o surgimento de um sentimento de identidade e pertencimento que se estendia do local de trabalho (usina) à moradia.

Durante as caminhadas, foi possível observar a setorização das vilas Residencial e Operária e a diferenciação entre elas. A vila Residencial era destinada aos funcionários (as) da usina, enquanto a vila Operária aos trabalhadores da obra. Em relação à definição entre o público e o privado, verificou-se que, durante as décadas de 70 e 80, os(as) funcionários(as) que não receberam moradias, devido ao início das obras das vilas Residencial e Operária, foram provisoriamente alocados na vila Airton, onde havia a “cerca da vergonha”. Com o passar das entrevistas, foi possível compreender que conforme as famílias receberam as casas, os operários da CEEE foram deixando de residir na vila Airton. Além disso, notou-se que quando a Companhia administrava as vilas, os(as) funcionários(as) desfrutavam de atrativos de lazer e consumo, não sendo necessário deslocarem-se para outros bairros.

Assim, o artigo teve como objetivo refletir sobre os ciclos industriais ocorridos na região do Pampa, mais especificamente, na cidade de Candiota (RS), que aceleraram e ainda aceleram a urbanização e o crescimento populacional e alteram a paisagem local. Além disso, a polinucleação determinou a ocupação do território, sendo provocada por diversos atratores, dentre eles: as usinas termelétricas; as indústrias; as minas de carvão mineral; os serviços e comércios, frutos dos processos econômicos; entre outros. Portanto, a Candiota (RS) de hoje é bem diferente daquela que existia do século XX, de maneira que. A relação da companhia com a população resume-se às relações aos vínculos entre empregados (as) funcionários (as) e empresa, não se estendendo-se mais aos serviços sociais.

Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos. Tradução de Graça Índias Cordeiro*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. p. 31- 44, 89 -116, 125-182.

CORTADO, Thomas Jacques. *Casas feitas de olhares: uma etnografia dos muros em um loteamento periférico do Rio de Janeiro*, v.24, 2020.

FOOTE-WHYTE, William. *Treinando a observação participante*. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

IBGE. *Histórico da cidade de Candiota*. 2020. Online. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/candiota.html>. Acesso em: 15 maio. 2020.

INGOLD, Tim. *O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

MOLIN, N. D. *Candiota: Origem e História*. Porto Alegre: Tchê!, 1994.

MOREIRA JÚNIOR, O. *Segregação urbana em cidades pequenas: algumas considerações a partir das escalas intra e interurbana*. R. RA'E GA, Editora UFPR, Curitiba., n. 20, p. 133-142, 2010.

PÉTONNET, C. A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense. 1982. Traduzido por Soraya Silveira Simões. *Antropolítica*, n. 25, p. 99-111, 2008.

PRATI, André. Candiota – Minas de Carvão – início século XX. *Prati*, 05 ago. 2017. Disponível em: <https://prati.com.br/candiota/candiota-minas-de-carvao-inicio-seculo-xx.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SILVA, Rosilene O. *A cidade que cresceu à sombra da Usina: sobre o habitar das famílias eletricitárias na cidade de Candiota/RS*. Orientadora: Flávia Maria Silva Rieth. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.